

A FELICIDADE CLANDESTINA DE CLARICE LISPECTOR

Regiane Aparecida de Oliveira Souza

Mestranda em Letras pela UFJF
prof.regianesouza@gmail.com

É notório a quantidade de pessoas dotas e leigas que se interessam pela vida e obra de Clarice Lispector, graças a uma certa aura misteriosa que envolve a escrita literária da autora. Sua particular narrativa apresenta-nos momentos em que realidade e ficção se entrelaçam a partir dos relatos de memória, permitindo-nos que uma gama de sentimentos e emoções efervesça e atinja o leitor no desenrolar da narrativa. No conto **Felicidade clandestina**, nosso objeto de pesquisa, Clarice aciona a memória e mescla ficção e realidade para narrar um acontecimento de sua infância. O texto estrutura-se em torno de um caso de pré-adolescência, vivenciado na cidade de Recife pela personagem-narradora, a própria Clarice, que registra impressões de uma mulher que, quando menina, lera um livro conseguido como empréstimo. O mais relevante é a constatação de que tal acontecimento narrado no conto acontecera realmente com a leitora-menina Clarice, como atesta sua biografia. Tais fatos são narrados numa linguagem leve, de fluxo agradável que possibilita conhecer um pouco da vida da autora, através de sua escrita literária. Essa forma de escrita não pretende romper com o passado, já que na ação de rememorar, o eu visita o passado com a função de organizar ou, pelo menos, tentar organizar experiências vividas, sejam como drama, culpa, trauma ou nostalgia. Com o intuito de tornar tênue e, quem sabe, até homogênea, a linha que liga ficção e realidade, nos apoiaremos, principalmente, nos conceitos teóricos de autores como Diana Klinger, Michel Foucault, Leonor Arfuch e Philippe Lejeune para estabelecer o diálogo entre realidade e ficção ou passado e presente.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Memória. Realidade. Ficção.